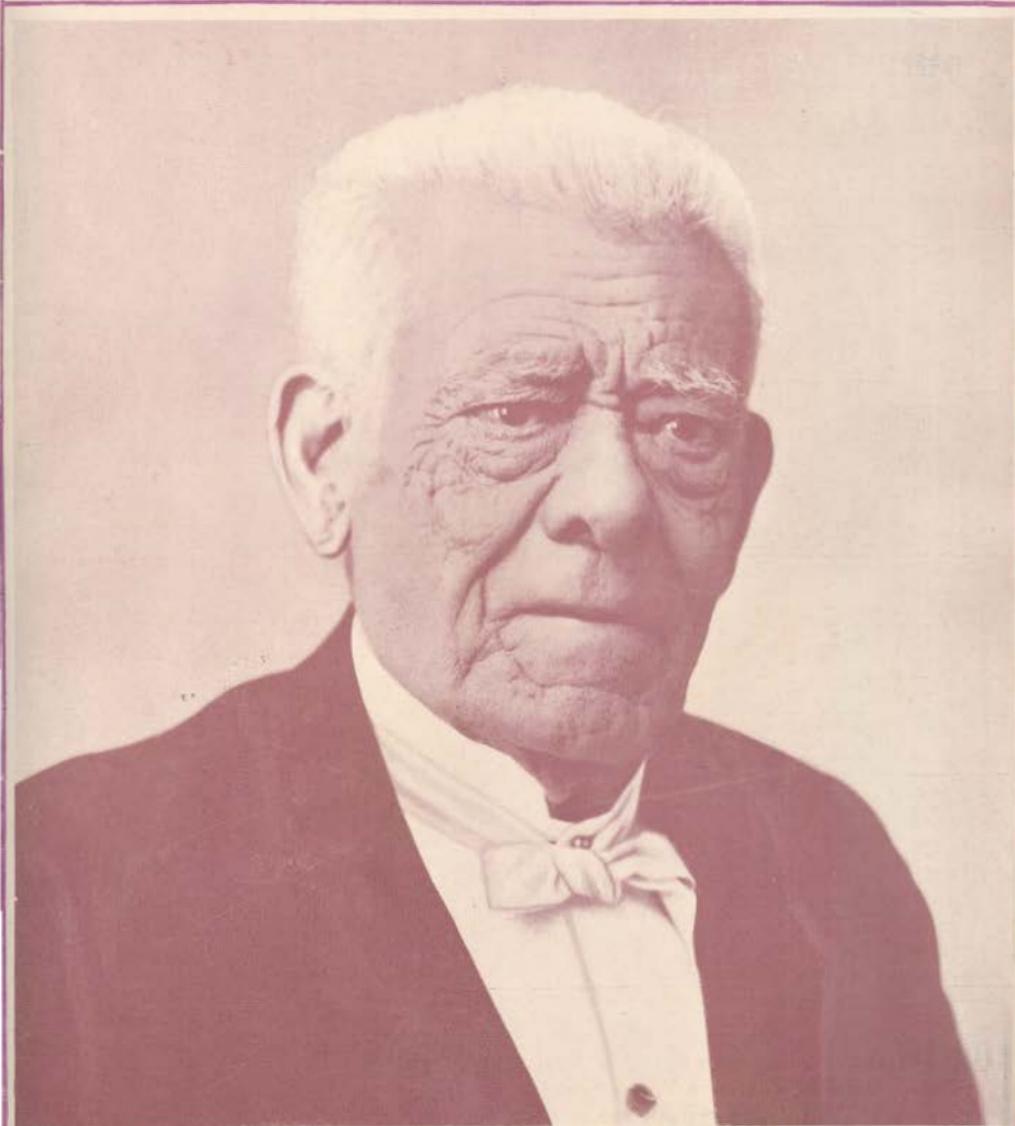


# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assinatura conjunta do Século, Supplemento Humorístico do Século e da Illustração Portuguesa		
ANNO.....	PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑHA	ANNO.....	28000
Semestre.....		Trimestre.....	28000
Trimestre.....		Semestre.....	700
		Mez (em Lisboa).....	

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

Capa: UMA GLÓRIA DO THEATRO NACIONAL: TABORDA (Cliché da Phot. Vasquez) • Texto: EL-REI CHEGOU, 6 illustr. • AS CRIANÇAS PROTEGIDAS D'«O SÉCULO» NA TRAPARIA E NO THEATRO DA TRINDADE, 9 illustr. • UMA FESTA ELEGANTE EM CINTRA, 1 illustr. • O QUE DIZEM OS MORTOS, 2 illustr. • ONDE IREMOS PASSAR O VERÃO, 10 illustr. • A FESTA DOS VENDEDORES DAS PUBLICAÇÕES DO «SÉCULO» NO PORTO, 4 illustr. • FESTAS SPORTIVAS EM AVEIRO, 5 illustr. • A GRANDE EXCURSÃO VENATORIA AO GÉREZ, 7 illustr. • O ALMOÇO AO PRESIDENTE DA CAMARA DOS DEPUTADOS, 2 illustr.

**BAUME BENGUÉ**

Cura Totalmente

**RHEUMATISMO  
GOTA  
NEURALGIAS**D<sup>o</sup> BENGUÉ, 47, rue Harbier, Paris, e em todas as Pharmacias.**DISCOS  
Simplex**

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertório em música e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços excepçoneuzes e Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogo.

**J. CASTELLO BRANCO**

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82

LISBOA

**CASTANHEIRO** PA

REPARADORES - ESTOFADORES

TELEPH 1346 PRACA LUIZ DE CAMOES 38 - LISBOA

ENDERÇO TELEGRAPHICO CASTALI

**VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D<sup>o</sup> FRANGK**Contra **FALTA de APETITE** — **PRISÃO de VENTRE**  
**OBSTRUÇÃO** — **ENXAQUECA** — **CONGESTÕES**SEM MUDAR OS SEUS HABITOS, nem diminuir a quantidade dos alimentos, se tomou nas refeições e excitou o appetite. Exijam a *Etiqueta junta em 4 Côres.*  
T. LEROY, 94, Rue d'Amsterdam, Paris e todas Pharmacias.

Meio seculo de successo

**ESTOMAGO****O Elixir do D<sup>o</sup> Mialhe**de pepina concentrada faz digerir tudo rapidamente,  
**GASTRALGIAS, DYSPESIAS.**A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris**L'Épil'vite**  
**L'Épil'vite****CREME -  
EPILATORIA**

prompta e sem dor.

Resultado garantido

Perfumada, dissolve

instantaneamente as pennugens desengradadas, a

barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo.

Não produz borbulhas, não irrita a pelle e mais delicada

A. GRAZIANI, Pharm<sup>o</sup> de 1<sup>a</sup> classe, 63 Rue Rambuteau, Paris.

Portugal: CURIEL &amp; DELIGANT, 19, R. do Arco de Jesus, Lisboa.

O preço do frasco pequeno 800 Reis e do frasco grande 1.400 Reis.

O PASSADO, PRESENTE E FUTURO REVELADO PELA MAIS CEL-  
BRE CHIROMANTE E PHYSIONOMISTA DA EUROPA**Madame BROUILLARD**Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com ve-  
racidade e rapidez e é in-  
comparavel em valculos.  
Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiognomia e pelas applicaçoes praticas das theorias de Gall, Lavater, Dasharrolles, Lambr. ze, d'Arp. nigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fa'a portuguez, francez, inglez, all mão, italiano e hespanhol. Da consult. e d'arria das o da manhã das 11 da noite em seu gabinete: 43, Rua do Carmo, sobreloja—LISBOA. Condição a 1000 rs., 2000 + 5000 rs.
**Ouřivasaria "CHRISTOFLE"**

Uma Só e Unica Qualidade

**A Melhor**Para obtela e tambem  
**EXIJA-SE** esta Marcao Nome "CHRISTOFLE"  
sobre cada peça.**Café**

Optimo servico de sautares, lanchs, almoços e ceas. Cozinha o de primeira ordem, cozinha à franceza. Servico por doses, me as doses e quartos de doses.

Vinhos e licores de todas as melhores procedencia e qualidades. Preços rasca-veis. Servico smo-  
radissimo. ★★★★★**Roma**

101, Rua d'Assumpção, 103 (frente aos Armazens Grandello)

# EL-REI CHEGOU

O povo leu viera logo de manhã para o caes de Belem, chegára aos cardumes d'Ajuda, d'Alcantara, da Mouraria e da Madragõa, desabelhára-se a turba de faiantes, chafaneiros, moços de estribeira e picadores, que o João dos Santos pagára a seis vintens por cabeça e que arrastára comborças, vendedeiras, saloias do Casalinho e do Alvito, como para festa de santo popular. Os frades deslisavam com os seus habitos por entre os grupos; creados da Casa Real, de caras escañoadas e de cabellos rentes, conduziam artifices e botequineiros. Realistas que a policia trazia de olho desde a ultima conspiração, como o Tarabuso, o Luiz Pedro de



*D. Maria I (Gravura da collecção da Bibliotheca Nacional)*  
*—D. Miguel no throno esmagando os pe-  
 dreiros livres (Gravura  
 da collecção do sr. Annibal Fernandes  
 Thomas)*

Nossa Senhora, o Garucho, o Cambaças e até o João Lenarte, cirurgião, acorriam mais excitados do que nunca, á compita nos berros, acamaradando, rugindo, vermelhaços pelo entusiasmo, todos elles, n'aquella tarde placida de 22 de fevereiro, em 1828, no regresso do infante D. Miguel.

Desde as duas horas que as fortalezas salvavam á aproximação da fragata *Perola*. Já largára lesto o bergantim real com os seus cento e vinte remadores de camisas brancas e calças azues, barretinas carmezin debruadas a ouro, uma maruja forte e algarvia que levava o barco scintillante até á fragata, transportando as infantas D. Isabel Maria, a regente, e D. Maria d'Assumpção.

Estrondeava a artilharia nos navios e castellos, berrava a bateria de Belem, nuvens de fumo encobriam as amuradas, marinheiros encarrapitavam-se nas vergas sob as bandeiras agita-





*Allegoria referente á chegada de D. Miguel a Lisboa  
(Gravura da collecção do sr. Annibal Fernandes Thomaz)*

das e os coches reaes enfileiravam-se no largo com os sotas de cabelleiras empoadas, de pé nos estribos, os cocheiros velhos tremulos de commoção. Havia um enthusiasmo mal contido; os soldados formavam n'uma guarda de honra galharda, os garotos encarrapitavam-se nos ferros dos lampeões da ponte e na muralha, as mulheres de mantões brancos e os homens de rabona misturavam-se com a população esfarrapada, olhavam sempre as aguas douradas do rio onde a embarcação real, na sua apothese de refulgencias, movida por aquella centena de braços, deixava uma esteira d'espuma luzidia.

D. Miguel vivera n'um doce exilio desde 1824, após a Abrilada, ora em Paris onde esturdára, ora em Vienna onde jurára manter a constituição deante de Metternich, do conde de Bombelles e do barão de Villa Secca. De lá escrevera cartas á regente dizendo não

apoiar qualquer movimento que se fizesse em seu nome para o absolutismo e logo passára de novo a França e a seguir a Inglaterra. Fora recebido com enthusiasmo em Westminster, hospedára-se no palacio de lord Dudley, na rua Arlington visitára o tunnel do Tamisa, que dois dias depois abatera, ouvira-se festejado ao som do hymno inglez n'um espectáculo do Covent Garden, a colonia portugueza offerecera-lhe uma medalha e pelos rigores de jaeiro — a 13 — partira para a residencia de Wellington d'onde passára a Plymouth, para embarcar. O mar estava picado; um temporal rijo assolava as costas e o infante teve que esperar bom tempo para partir na *Perola*, o que só fez em 3 de fevereiro d'esse anno.

Decretou-se gala para o dia da sua chegada a Lisboa; o ministro da justiça expediu ordens a fim de serem permittidas *quaesquer demonstrações do publico que não fôsem prohibidas por lei*; a camara ergueu um pavilhão no Terreiro do Paço, onde elle devia entrar uns momentos e a divisaõ ingleza de Clinton aguardára-o nas terras do Desembargador para uma revista.

Mas sua alteza deliberára desembarcar em Belem e lá

acorrera toda essa multidão que enchia o caes, os garotos que trepavam aos lampeões, os frades que falavam das prendas do infante, os picadores que se lembravam ainda do seu donaire, da sua graça, da sua audacia, as mulheres que sabiam das suas galanterias e da doçura dos seus grandes olhos negros de peninsular, que amavam o seu garbo e gentileza diferentes do aspecto forte e pesado dos seus parentes brigantinos, toda essa turba avida de o vêr e de o acclamar.

Entraram a repicar os sinos n'um tilintar suave sob o azul esmaecido do céu, a galeota largou da *Perola* na troada viva da artilharia, um nervosissimo entusiasta moveu aquella multidão sussurrante, onde o João dos Santos e os estribeiros choravam de alegria, agitaram-se os chapéus, os carapuços, os lenços vermelhos. Uma nuvem de botes rodeava o barco principesco, ouviam-se vivas e palmas na amplidão das aguas, no caes applaudia-se aquella resolução de desprezar a Camara que lhe erguera um pavilhão e quando os marujos fizeram abicar a galeota, de todos aquellos peitos saíram berros n'uma furia d'applauso, ao vêr-se o infante tão gentil, um pouco pallido no seu uniforme de general, entre D. Maria d'Assumpção e D. Isabel Maria.

Então um brado ha muito contido saiu das bocas soffregas: «Viva D. Miguel! Viva o Senhor D. Miguel! Viva o nosso rei absoluto!»

Caiam bagadas de lagrimas pelos rostos dos velhos servidores, os homens da chafana hombream com os fidalgos que vinham de bordo nos botes engalanados, as mulheres ajoelhavam como á passagem do Altissimo, e quando elle pôz pé no lagoado foi no meio d'uma louca algazarra carinhosa que atravessou para o coche envidraçado, lindo, cheio de ouro.

— Viva o Senhor D. Miguel!  
Viva o nosso rei absoluto!

Elle sorria mais bello, com o seu chapéu de plumas na cabeça formosa e energica, via em volta o povoleu amalgamado, homens e mulheres, ribaldas de saiotos vermelhos, donas de capotes custosos, arrieiros e frades, fidalgos e picadores, toda a velha gente de Queluz e da Bemposta, das correrias e das touradas, berando um côro realista, amigo e forte, uma canção em que havia estrepitos, vinda da musa popular e saudosa:

*Rei chegou  
Rei chegou  
Em Belem  
Desembarcou  
Na barraca  
Não entrou.*

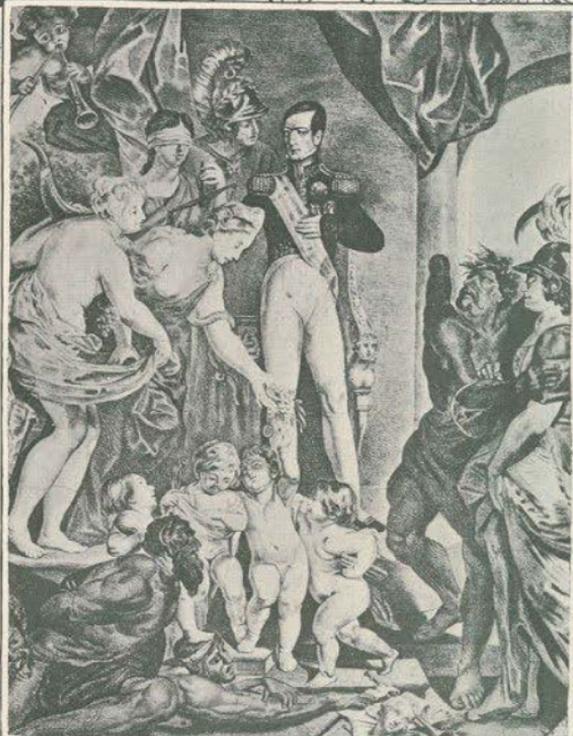
O infante esquecia já a divisaõ de Clinton que o esperava nas terras, a Camara, os juramentos e n'aquella passagem, entre palmas, vivas, repiques de sinos, estalos de foguetes e berreiro, sorria dentro do coche, olhava docemente o seu povo que o acaudilhava, a horda que se esfalfava na subida da calçada d' Ajuda, sem afrouxar; olhava as mulheres que das janellas lhe deitavam flôres, lhe accenavam com lenços bordados, por sobre as colchas preciosas, de matizes berrantes á soalheira, loucas, desviadas pela sua presença, pelo seu renome de príncipe longamente esperado, como se todas fôsem suas noivas, e ouvia mais trovas que se improvisavam, as vozes agudas das rascões clamando:

*A' entrada de Lisboa  
Está um lençinho bordado  
Com lettras d'ouro que dizem  
Viva D. Miguel coroado.*

D'ahi todos repetiam a quadra, cançados pela subida, em redor do coche, cantando o côro furibundo que logo foi um hymno perseguidor, um çã ira realengo:

*Rei chegou  
Rei chegou*

Era fertil a inventiva populaceira. Outras vezes brotavam vivamente das boccas, n'aquella consa-



*Quadro allusivo ao regresso de D. Miguel  
(Gravura da collecção do sr. Annibal Fernandes Thomaz)*

gração, calçada arriba, vendo sorrir o esbelto infante:

*Ai!l  
Tres vezes, tres vezes  
Viva D. Miguel  
Rei dos portuguezes*

*D. Miguel  
Sendo diamante  
Elle já é rei  
Já não é infante.*

Os gritos de saudação ao rei absoluto soavam com maior violencia, os sinos tocavam alegrias, os foguetes estralejavam nos ares e o mulhero, de saiotos encarnados e grilhões nos pescoços, sorria ao infante, os frades resfolegavam, todos a mostrarem-se, a quererem o seu olhar, improvisando mais versos d'um carinho estranho:

*D. Miguel chegou á barra  
Já lá estava o seu carvinho*



*Para o levar a palacio  
Descançar um bocadinho*

*Rei chegou  
Rei chegou  
Em Belem  
Desembarcou  
Na barraça  
Não entrou.*

Era um enorme chuveiro de petalas dos roseiras d'Alcolena e Boa Hora, das quintas do Cruzeiro e jardins de Belem, eram risos de mulheres, eram brados victoriosos d'essa mul-

*Viva D. Miguel  
D. Miguel primeiro  
Rei chegou  
Rei chegou.*

Atiravam-se os barretes ao ar, chegavam mo-  
leiros do Monsanto e do Caramão, de Cazelas e visinhanças e os morras a D. Pedro e á Carta entravam como balas n'aquelle tiroteio de canções pela sala do paço onde o infante dava beija-mão, onde as donas se dobravam, onde todos se prostravam, n'aquelle echoar barbaro do *Rei chegou*.



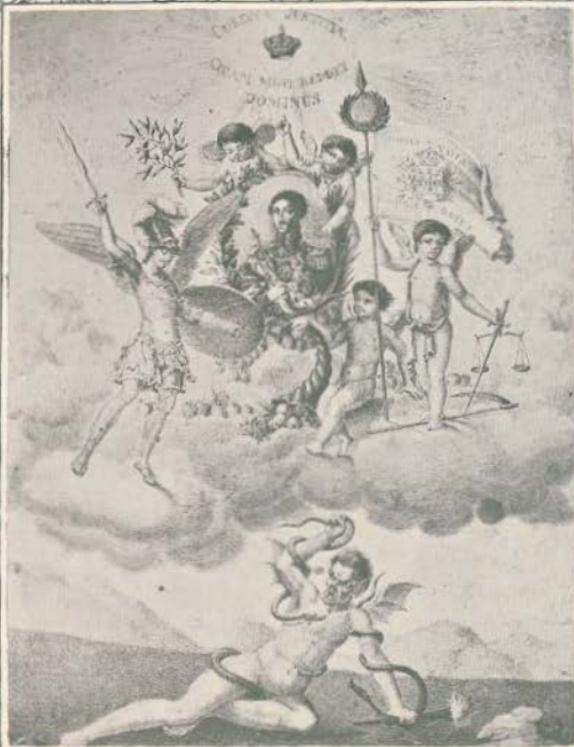
*Chegada de D. Maria Leopoldina ao Rio de Janeiro  
(Gravura da Bibliotheca Nacional)*

tidão esfalfada em torno do coche lento como um pachyderme levando um rajah n'um banho de sol; eram as palmas e os vivas, o ruído dos morteiros, o tilintar dos sinos, a onda rumorosa, adoidada, que ao vêr sumir-se o infante á entrada do paço d'Ajuda redobrou d'acclamações. Improvisaram-se bailaricos no largo e quando as auctoridades, os dignitarios, os inglezes de Clinton que elle esquecerá, a Camara que elle desfeiteára, chegaram, já a soldadesca, a maruja, o fêmeação, n'uma loucura ebrifensiva, cercada de fidalgos e de senhoras, sarcoteava ao som do hymno realista, na sua dança revolta:

*Alecrim é verde  
A rosa tem cheiro*

Toda a tarde aquella turba dançou, clamou, bebeu. Os picadores pagavam quartilhos, o João dos Santos atirava moedas aos garotos, as ribaldas desnalgavam-se no bailarico e subia sempre o mesmo berreiro louco, febril, a mesma desvaída acclamação ao principe mais amado da população, que lhe adorava o garbo, a audacia, o pulso firme com que mettia o rojão nos toiros em Queluz e Ribatejo além.

Caiu a noite e accenderam-se luminarias pelas torres e pelas fachadas; fiadas d'ouro das luzes annunciavam a chegada do infante. Os bandos agora corriam as ruas, n'uma levada revolucionaria, n'esse espectáculo odioso que é o da turba solta mesmo quando se diverte, caíam as paula-



*Allegoria á coroação de D. Miguel  
(Gravura da collecção do sr. Annibal Fernandes Thomaz,*

das sobre os que passavam, despedindo golpes, obrigando todos a cantar o seu chorrilho já sectario:

*Rei chegou  
Rei chegou  
Em Belem  
Desembarcou  
Na barraca  
Não entrou.*

Dias depois houve um *Te-Deum* na Sé. De novo o populacho correu atraz do coche real dando vivas, acaudilhado pelo major Gerardo d'Oliveira. Fizeram-se marchas, odes, melodramas á feliz chegada de D. Miguel. Depois, ao cabo d'algum tempo, no largo d'Ajuda, quando devia prestar juramento, os bandos apedrejaram os constitucionaes, partiram os vidros á carruagem do general Caula, espancaram o embaixador inglez

Lamb, o principe de Schwatzembergo e o conde da Cunha e correram ao Terreiro do Paço obrigaram a Camara a proclamar D. Miguel rei absoluto. Agitou-se o estandarte do Senado, gritou-se: *Real! Real! Real!* por D. Miguel rei de Portugal.

Rei absoluto foi, imposto pela tropa e pela população e logo toda a gentilha, os picadores, o Sedvem, o D. Christovão, o José Verissimo, os arrieiros, os soldados dos voluntarios realistas, dominaram cinco annos ao som do seu côro de odios o de coleras que já tinham accrescentado, ao rythmo das cacetadas partidarias:

*Rei chegou  
Rei chegou  
Em Belem  
Desembarcou  
Na barraca  
Não entrou  
Aos realistas  
Abraçou  
Aos «malhados»  
Não falou.*

Foi rei, um rei da nobreza ciosa de regalias, do povoleu e dos frades, um rei amado no phrenesi, na loucura que a turba dispensa aos que a lisonjeam, amor alto hoje logo esquecido como o das ribaldas, rei carregado de mimos e de erros, rei que só começou a ser homem quando tão honesto se mostrou em Evora-Monte. Depois tudo amorteceu; o constitucionalismo chegou a fazer o que o absolutismo já fizera, ao passo que o rei, pobre, cheio de desditas, pagando as ligeirezas da mocidade, andava na jornada mísera de Roma, com pena d'esse povo, com saudade das mulheres que cantavam á sua passagem:

*D. Miguel  
Lindo ramalhete  
Elle já é rei  
Já não é cadete.*

Então talvez pensasse que bem melhor teria sido ficar sempre o cadete donairoso e galhardo, com o seu ar turbulento, o amor nos seus olhos vivos de peninsular que se deviam turvar á luz cruel do exilio, emquanto cá n'um cantinho verde de Queluz ou do Monsanto só alguma velha moleira de cabelos brancos cantava ainda, a embalar os netos n'uns berços pobres, aquellas trovas ora doces ora barbaras do *já ira realengo, do Rei chegou.*

# AS CRIANÇAS PROTEGIDAS DO "SECULO" NA TRAFARIA



*A serie de photographias contidas n'esta pagina e devidas ao distincto  
amador sr. dr. Julio Fortes, que e tambem um dos illustres medicos colaboradores  
da obra do Seculo, reproduzem varios episodios dos banhos das criançãs  
na Trafaria, incluindo os da distribuição do leite  
e dos trabalhos cinematographicos*

PROTECÇÃO À INFÂNCIA  
A MATINÉE NO SALÃO DA TRINDADE



*Um aspecto do salão do theatro da Trindade, absolutamente apinhado de espectadores, por occasião da matinée offerta ás creanças protegidas do Seculo no dia 29 do mez findo*

(CLICHÉ DE BENOLIEL).

# UMA FESTA ELEGANTE EM CINTRA



*Matinée Theatral realizada na quinta de Sabrosa, em Santa Maria de Cintra. A Illustração Portuguesa occupar-se-ha mais largamente d'esta elegante festa, dada pelo illustre secretario da legação de Hespanha e por sua distincta esposa, no proximo numero*

(CLICHÉ DE BENOLIKL)

# O QUE DIZEM OS MORTOS.



O sr. Fernando de Lacerda  
(CLICHÉ DE RENOLIEL).

Venho do outro mundo. E, contra o que se diz correntemente que para esta viagem não se pôde tirar bilhete de ida e volta, eu posso afirmar aos leitores da *Ilustração Portuguesa* que, através do sr. Fernando de Lacerda, eu e voltei. Tive o prazer delicioso de conversar com Eça de Queiroz, Camillo Castello Branco, Marianno de Carvalho, Hintze Ribeiro, o visconde de Seabra, Alexandre Herculano e tantos outros luminosos espiritos.

Foi em casa do celebre *espirita*, ali ao Intendente, no seu gabinete de trabalho, modesto e alegre, com a parede lateral revestida de duas enormes estantes, a secretaria severa coberta de papeis, de quadrinhos e de retratos que eu emergi, por instantes, n'este mysterio d'além-tumulo. Em vão, no quarto de hora de espera, eu tentei descobrir entre os livros d'aquelle gabinete qualquer coisa que me desse a impressão de estar n'um laboratorio machiavelico. Os meus olhos só descobriam, nas lombadas dos livros, o risonho nome de Paulo de Koch, o nome terrivel de Ponsou do Terrail, a serie infinita das obras de Montépín.

Encolhi os hombros, n'um gesto de enfado e de desillusão. O sr. Fernando de Lacerda era, certamente, um mystificador! Mas a meio d'este movimento surprehendeu-me e voz alegre e forte do inspector da poli-

cia, que vem para mim com as duas mãos estendidas.

— Está a vêr a minha bibliotheca... Nada mais trivial, nada menos litterario. Nunca li senão *isso*. Na minha mocidade devorava os romances, com uma ancia soffrega, passando noites em claro sobre os episodios horribes imaginados por Montépín, sobre os casos picarescos descriptos por Paulo de Koch. Nunca li mais nada.

Não tenho uma phrase para lhe responder. E este meu silencio interpreta-o sr. Lacerda como um fundo de desconfiança pela sinceridade da sua obra.

— Não me admira. Ha muita gente que não acredita,— a maioria. Mas quer o senhor que eu ande com uma campainha a

*Para fixar os intuitos de um vidente  
 novo no Justino — João p. n. u. l. u. n. u.  
 Vou escrever a D. Silva a respeito  
 16. 11. 1906/1908 Z. Alves da S.*

*O autographo posthumo*

dizer que sim, que é verdade, que não tenho necessidade de intrujar ninguém, que sou mesmo tão illetrado que nunca poderia compôr meia dúzia de phrases ou pensamentos ou versos—eu, poeta!—com a facilidade com que posso beber um copo d'agua? Não pôde ser... E depois, que necessidade tinha eu, se realmente tivesse tanto talento, de o revelar attribuindo-o a outros? N'esse caso faria uma obra pessoal, minha, muito minha.

*Voltá!* Os argumentos parecem-me, em verdade, convincentes; eu quero, porém, vêr para crêr, como S. Thomé.

O sr. Fernando de Lacerda do melhor grado e com o seu melhor sorriso se presta á experiencia. Senta-se á secretaria e eu sento-me ao seu lado, com os olhos muito arregalados, o coração em sobresalto, todo eu ouvidos, todo eu attenção.

—Diga-me o sr. Lacerda como lhe veio essa ideia de comunicar com os espiritos...

—Um acaso, meu amigo, perfeitamente um acaso. Uma vez, na rua, vindo para minha casa, ouvi uma voz que me dizia bem distinctamente: «Diga ao Silva Pinto...» e uma phrase qualquer de que já me não lembro. Confesso-lhe que fiquei surprehendido,—e quem o não ficaria?—Mas esqueci-me do episo-

*do dr. Alves da S.*

dio. Dias depois, a mesma voz, mais imperiosa: «Diga ao Silva Pinto...» Attentei mais, recolhi-me e resolvi *escutar*. Os meus multiplos afazeres fizeram com que, de novo, eu esquecesse a mysteriosa phrase. Uma noite, acabava de me deitar, a voz: «Levante-se, vá para a tua secretaria e escreve o que eu te dictar.»

Já morto de somno, o sr. Fernando de Lacerda levantou-se, em trajes menores, suppondo tratar-se de uma communicação rapida e curta. Assentou-se á secretaria,—e escreveu, escreveu, escreveu, até quasi manhã.

—E' aquella carta de Camillo Castello Branco a Silva Pinto que vem publicada no 1.º volume do *Pais da Luz*.

Folheio o livro:—são dez paginas compactas de prosa! Desde esse dia, 3 de outubro de 1906, o sr. Fernando de Lacerda ficou sabendo que tinha consigo o dom de comunicar com os espiritos.

—E é difficil?

—Facilimo, como vai vêr. Vou escrever. Pôde conversar á vontade sobre o assumpto que quizer, variar mesmo os assumptos. Enquanto estou em *communição* não penso nem vejo nada do que escrevo. O meu cerebro é como um pedaço de vidro: passa atra-



Um homem que vive entre phantasmas...  
 Não é raro que o sr. Fernando de Lacerda, mesmo na rua se sinta  
 interpellado pelos seus phantasmas

Não conheço sandeces do mundo neste dos homens  
E não é porque me maltratássem - porque se não couber  
vram sandeces das prisoas infestas onde se passa a v.  
da.  
15 de Agosto de 1908. Alexandre

Como Alexandre Herculano escreve 30 annos depois de morto

vez d'elle a luz que vem do outro mundo sem deixar vestigios.

—Como sabe que está em communicação?

—Aspirando... Aspiro fortemente: é o meu telephone com os espiritos. Quer vêi? Quem quer que chame?

Apezar da atmospheria que me rodeia

bre o papel, sem todavia se fixar no primeiro minuto. Até que, cahindo na meia folha do almaço, traça a assignatura de *Eça de Queiroz*. E segue-se logo Alexandre Herculano, com a seguinte phrase: «Não é a elle que cabe responder em primeiro lugar, se houver de responder-se.»



O sr. Fernando de Lacerda, inspector da policia administrativa no seu gabinete do Governo Civil

ser tranquilla e alegre, prazenteira a cara do meu interlocutor; apezar de ouvir o ruido tintalante dos carros que veem da Estephania para o Intendente e sentir-me, por este facto, dentro dos movimentos da vida, — eu estremeço. A pergunta á queima-roupa deixa-me perplexo. Mas não tenho tempo de responder.

—Agora, já cá está um...

—Quem?

—Não sei.

A penna treme na mão do sr. Fernando de Lacerda, so-

—Sabe que Alexandre Herculano, ao contrario do que era n'este mundo, triste, desilludido, sorumbatico, é, nas regiões eternas, galhofeiro e piadista?

Tenho na minha mente o tão conhecido rosto de Alexandre Herculano, severo, de linhas rigidas, cavada e esguia a face, e não comprehendo como d'aquella physionomia bronzee e forte poderá sahir um *mot d'esprit*, um esguicho d'ironia, mesmo que se trate do seu espirito. apenas.

Final - a piezente heresia que não extirpa  
nem extirpa? abuz - a de Caridade  
15 de agosto 1908  
Gomes Coelho

*Nesta communicção de Julio Diniz a semelhança da letra é flagrante*

Veem, depois, assignaturas de Victor Hugo, João de Deus, Camillo...

O sr. Lacerda volta-se para mim. Insiste.

—Quer alguma coisa?

Lembro-me, de repente, dos recortes pittorescos que o *Seculo* anda fazendo do

essas claudicações e essas faltas? Emendem-se, se isso fôr possível.

Em todo o caso, devo lembrar que a sociedade para que elle foi feito tem progredido vertiginosamente de então para áquem. Tem creado novas necessidades e novas exigencias; portanto, tem estabelecido novos direitos e novas



*As noites, no seu gabinete de trabalho, o sr. Fernando de Lacerda conversava familiarmente com os mortos. Alexandre Herculano e Julio Diniz dictam-lhe as suas memorias de aitem-tumulo...*

Codigo Civil; e chamo á barra o visconde de Seabra, auctor do *cathamaço*.

Vem, logo, o visconde de Seabra, — e escreve: «A minha opinião está já exarada na communicção que a este respeito escrevi no I livro.

«O projecto do Cod. que escrevi não saiu perfeito como não sae nada que saia das mãos dos homens. Só a sua execução vem demonstrar as claudicações e as faltas que n'elle se podiam conter. Essa execução de annos tem trazido á flux

obrigações a que ha necessidade de prover de remedio. Folgo em que o discutam; em que lhe apontem as faltas. Realmente as que tem apontado são, por enquanto, de facil remedio e bem suppriveis por um pouco de senso pratico dos julgadores. Em todo o caso, mantenho a minha opinião dada: — quando haja de mexer-se-lhe, deve ser refundido por completo.»

—E se falassemos de politica, meu caro Lacerda?

Fez a minha parte, nasceu a minha  
memoria, a Providencia e a perfeição  
supremacia. Victor Hugo

Um outographo posthumo de Victor Hugo

Dito e feito. A seguir sempre, no mesmo papel almaço, invocando eu a opinião de Hintze Ribeiro sobre o estado actual da politica portugueza, o fallecido estadista responde, na sua lettra miudinha, que a coisa não é tão feia como a pintam.

E' Camillo!  
— Mas quem chamou o Camillo? pergunto eu, surprehendido.

Não me responde o sr. Lacerda, que continúa a escrever este *post-scripta* de Camillo que *ouvi*a a minha phrase:



A própria Santa Theresza de Jesus vem repetir ao sr. Fernando de Lacerda as suas ardentis apologias de Jesus...

Leio, por cima do hombro do auctor do *Paiz da Luz*, o que elle vae escrevendo no papel, sem o fixar, como se fôsse um automato.

— O que escreveu elle?

O sr. Fernando de Lacerda não sabe o que pôz no papel.

— Acho optimista o Hintze...

Ha um espirito que toca desesperadamente ao *telephone*. O sr. Lacerda não sabe quem é.

— E' curioso. Agora não sei quem está a falar.

«Fiz muitas vezes isso. Foi queda que me ficou. E' defeito de todos os homens de lettras metterem-se quasi sempre onde ninguem os chama.»

Seguem-se opiniões de Julio Diniz e do dr. Alves de Sá, sobre politica.

Mais familiarizado, atrevo-me a pedir o *espirito* de Eça de Queiroz.

— Pode perguntar-lhe em que obra é que collaborei com elle?

O mundo pouco ter saudades; dos homens do mundo não. O mundo ainda tem alegria; dos homens que a têm sócio, e as suas desgrazas e dores  
Agosto 15, de 1917.  
Camillo Branco

Comunicação medianímica de Camillo Castello Branco

O sr. Fernando de Lacerda recolhe-se, *as pressas*. Passam dois, tres minutos... A penna resvala finalmente no papel:

«Espera, homem, estou a vêr se me recordo.»

Nada de pressa, mais alguns minutos: «Não, não me recordo.»

— Só uma vez se pôz em comunicação commigo e mostrou-me desejos de que o deixasse em paz. Mas espere...

E' um toque de chamada.

«Mariano de Carvalho.»

E' o padre-mestre do jornalismo portuguez que acode á chamada.



João de Deus dictando uma poesia ao sr. Fernando de Lacerda...

— E' facil, explica-me o meu interlocutor, este esquecimento. Certos *espíritos* pairam em regiões tão elevadas que perdem a noção das coisas mínimas que com elles se passaram na terra.

*De rebus minimam non curant... spiritus!*

Adeante. Falemos de jornalismo.

— Pode chamar o Sampaio da *Revolução*?

— Experimentarei. Nunca consegui comunicar com elle.

— E com Emygdio Navarro?

— Quer mais alguma coisa?

— Nada. Estou satisfeito. As letras que eu conheço são perfeitamente exactas, sem lhes faltar um unico *berbicacho*.

— Ah! vem ainda outro...

E' a phrase facil, de Alexandre Herculano, sempre humorístico:

«Não. Não ha. Eu estava insistindo para que fossem mais gentis com o visitante. Não querem, acabou-se.»

Mostra-me o sr. Fernando

A poltão é a reunião extraordinária a ser  
abertamente de todos os grandes trabalhos  
15-8-58

Hintze Ribeiro

Uma comunicação medianímica de Hintze Ribeiro

de Lacerda caixotes de originaes, nas suas lettras respectivas. Agora tem elle entre mãos um trabalho de Eça de Queiroz, que está emendando por conta do auctor. Vae já na sua 80.ª meia folha de papel almaço, compactas. Garrett prometteu-

Todo eu sou ouvidos.

— Sim, o Buiça já falou comigo. Mas eu é que não o quero ouvir, não quero saber nada, nada.

— Elle insiste?

— Immensas vezes, para me fazer revelações... Fujo d'elle



A hots dos espectros—O sr. Fernando de Lacerda não adormece quando quer, mas só quando os mortos lh'o consentem

lhe escrever uma obra no mesmo genero das *Viagens na minha terra*.

— Quer crêr que não conheço esta obra de Garrett? Nunca a li!

Hintze Ribeiro escreve amidadas vezes a sua esposa, por intermedio do sr. Lacerda.

— E o Buiça? Nunca falou com elle?

O sr. Fernando de Lacerda tem um momento de hesitação.

— O assumpto é muito esabroso, como comprehende...

— Mas já falou com elle?

como o diabo da cruz.

Eu é que não quero insistir e mudo de conversa. O sr. Lacerda explica-me como trabalha. Ao principio escrevia á sua secretaria; mas como haja espiritos que o fazem estar muitas horas á vela, resolveu collocar uma pequena mesa junto da sua cama. Chega a casa e despe-se: se tem *comunicação* senta-se e escreve, escreve até appetecer ao seu *communicante*. Depois, enfia-se em valle de lenço e dorme como um justo.

— Ha momentos em que choro ou rio

*A vida ali é o juízo do meu ser  
 que cada um se encontra a a resurreição  
 de de hatti é que a obra...*  
 15-4-1908



*O sr. Fernando de Lacerda fardado de inspector da policia*

sem causa apparente; mas de repente, como se uma tesoura cortasse o fio das lagrimas ou a gargalhada, volto ao meu natural e continúo a minha labuta como se nada fosse commigo.

Perguntará o leitor da *Illustração*, no final d'este ligeiro artigo: «Mas o senhor acredita em almas do outro mundo?»

A resposta não é facil nem commoda. Em primeiro logar, o sr. Fernando de Lacerda demonstrou, deante de mim, *à minha vista*, no seu gabinete de trabalho, em pleno dia, n'esta cidade de Lisboa, anno da graça de 1908, que é um repentista admiravel na confecção da prosa e mesmo do verso, — se eu accetto que elle me mystificou, fazendo-me crêr em espiritos, ou *almas do outro mundo*, e não passando, afinal de contas, de um alegre farcista que se diverte com a humanidade. Por outro lado, se eu accetto ainda que o sr. Fernando de Lacerda seja um crente

absoluto no espiritismo, um illuminado e, portanto, uma creatura cheia de nervos e hysteria, teria de acreditar que o que elle escreve, nomenclamento em que escreve, abstrae completamente a sua personalidade terrena, para só ficar, alada e mysteriosa, a *comunicação* entre o espirito e o seu automatismo paciente e obediente.

Não julgo o sr. Lacerda um *Lewis Terrieux* que ande a enganar as gentes com a sua maneira de ser sobrenatural, sendo simplesmente e muito tranquillamente um assiduo e activo funcionario policial, um homem estimado, excellente chefe de familia, um cerebro bem equilibrado.

Mas, n'esse caso, acredito eu que os espiritos *falem* com o sr. Fernando de Lacerda? Meu Deus! A minha *preparação* não é sufficiente para entrar na discussão, commigo mesmo que seja, sobre assumpto tão cheio

de escabrosidades e que tão grandes controversias tem levantado em todo o mundo. Conheço, muito de largo, por sobre elle ter passado como ção por vinha vindimada, o que, no *Positivismo*, diz Luis de la Penha que se deve fazer para evocar a *alma de um defuncto*; e depois, não foi nunca o meu forte nem a minha predilecção o estudo do sobrenatural, que para o sr. Fernando de Lacerda, que com os espiritos communica muito mais rapidamente sem precisar de padre-nossos e avé-marias como o diz Luis de la Penha, é tão facil como beber um copo d'agua. Seja como fór, certo é que o auctor de *No País da Luz* conseguiu chamar sobre si uma attenção demorada, complacente de uns, chocadeira de outros, credula de muitos.

— Meu amigo, isto é para quem quiser acreditar. Não sou um intrujão. Tenho em mim uma qualidade especial para poder exercer este singular papel de *intermediario*? Eu mesmo não o sei. Limito-me a *executar*. Executo inconscientemente, como viu... O resto, que se riam, deixal-os rir...

E' com um grande ar de franqueza que o sr. Fernando de Lacerda me diz estas palavras, que não me atrevo a commentar nem a discutir. J. S.

# ONDE TREMOS PASSAR O VERÃO

O QUE SÃO E O QUE PODERIAM SER AS PRAIAS, THERMAS  
E ESTANCIAS DE VERÃO EM PORTUGAL



*Vista geral de Monaco*

V

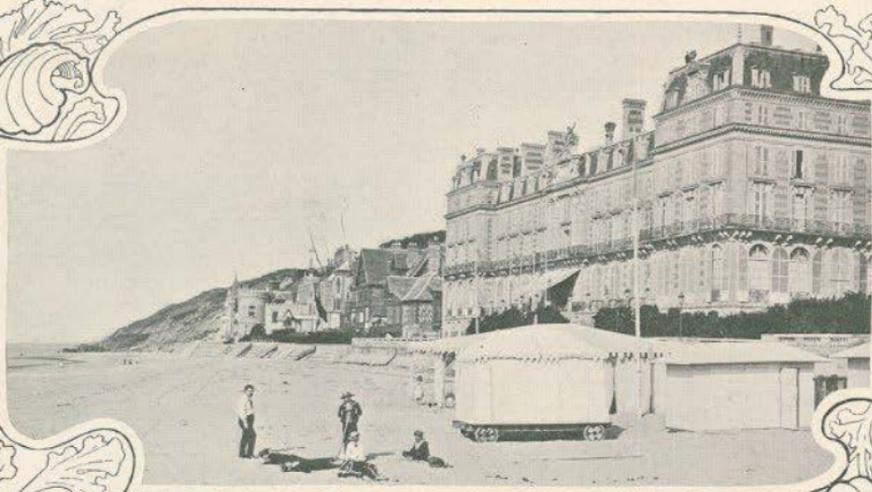
O QUE PODERIAMOS TER E QUE NÃO TEMOS  
O QUE SE FAZ LÁ FÓRA E O QUE NÓS  
NÃO QUEREMOS OU NÃO SABEMOS FAZER CÁ

Claro que longe de mim a idéa de te dizer minuciosamente, leitor amigo, analysando-as uma a uma, com a paciencia mais meticulosa e vistosas exhibições de phantasias architectonicas e arrojos de feeria imaginosa, o que poderiam ser, n'um paiz de mais larga iniciativa e mais educad) bom-gosto, as praias, as thermas e as estancias de verão de Portugal. Deus me livre de te moer a paciencia contando-te, com larga abundancia de pormenores inebriantes, os traçados soberbos de sumptuosas avenidas, os casinos modelos, os hotéis magnificos, os parques monumentaes, os *cottages* encantadores que transformariam toda a ala marítima do nos-

so paiz n'uma ininterrompida successão de maravilhas, fariam das nossas thermas optimas estancias de conforto e de uma Cintra um paraíso! Basta lembrar-te o que lá fóra se consegue á força de energia e de vontade, as praias que lá existem, como verdadeiras terras de prazer onde um argentario nunca deixará de encontrar o mais agradável ensejo de desbaratar prodigamente o seu oiro, as thermas onde se reúnem os encantos da paisagem campesina, os beneficios therapeuticos magnificamente aproveitados e as commodidades de uma capital mais confortavel que a nossa, as coisas maravilhosas que se fizeram aproveitando devotadamente, rigorosamente, um pedaço da natureza, muito menos interessante que tantos que na sua terra estão entregues ao abandono de toda a gente ou ao criterio restricto e quasi sempre vandalico das administrações locais inimigas systematicamente do forasteiro.



*Fecamp: O terraço do Casino*



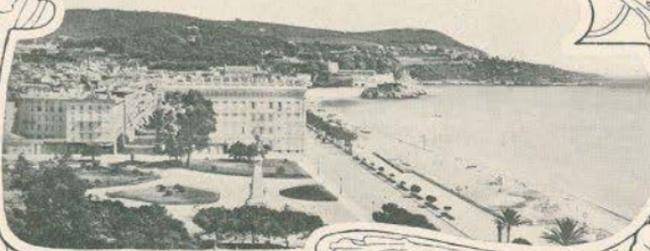
Trouville-sur-Mer: O Hotel das Roches Noires

OS ARGUMENTOS DA ROTINA ♣ O MONT'  
 ESTORIL ♣ UM DIPLOMATA TOMA  
 BANHO EM AGUA DAS LOMBADAS ♣  
 CINTRA, REFUGIO PARA OS HABI-  
 TANTES DA BAIXA EM CHEGANDO A CAN-  
 NICULA ♣ UMA PRAIA DO NORTE ♣ UMA  
 DESGRAÇA PARA A ESTHETICA E UM GRAN-  
 DE PERIGO PARA A ESQUADRA INGLEZA  
 ♣ O NÃO-TE-RALES NACIONAL

De sobra sei eu que a rotina possui um arsenal de argumentos que muita gente ainda hoje ingenuamente julga de receber. E um d'elles é o que declara que nós não temos nas nossas praias, na nossa Cintra, nas nossas thermas, o publico numeroso e rico de San Sebastian, de Biarritz e de Trouville, e que é precisamente ao ouro d'esses frequentadores opulentos e mundanos que essas estancias lá de fóra devem o melhor

do seu progresso admiravel. Mas porque não temos nós esse publico? Porque as condições naturaes das nossas estações de prazer são menos bellas? Não; mas simplesmente porque o estrangeiro que as visita, habituado a viajar e a gosar, exige, a par de lindos passeios, bellos ares, excellentes pontos de vista, condições de conforto que entre nós não são vulgares. Nós mandamos lá para fóra um tentador reclamo thermometrico a uma linda estação de inverno — o Mont'Estoril. E comtudo, durante grande parte do anno, não ha n'esse aprazivel Mont'Estoril um unico divertimento, não ha luz, não ha estradas conservadas, e, com respeito á mais urgente necessidade da hy- citar a conhecida

anecdota dosr. conde de Tattenbach de quem se conta que, querendo ali tomar um banho houve de encher a tina... com agua das Lombadas. Parece que em Nice, leitor amigo, não é precisamente assim... Cintra,—que os nossos descendentes verão civilizada pelos esforços da Liga de melhoramentos, que já deitou metade de uma casa abaixo, — tem incomparaveis bellezas, uma temperatura estival inestimavel, mas, apesar da prodigalidade generosa das



Nice: Vista geral tirada do terraço do Hotel das Ingleses



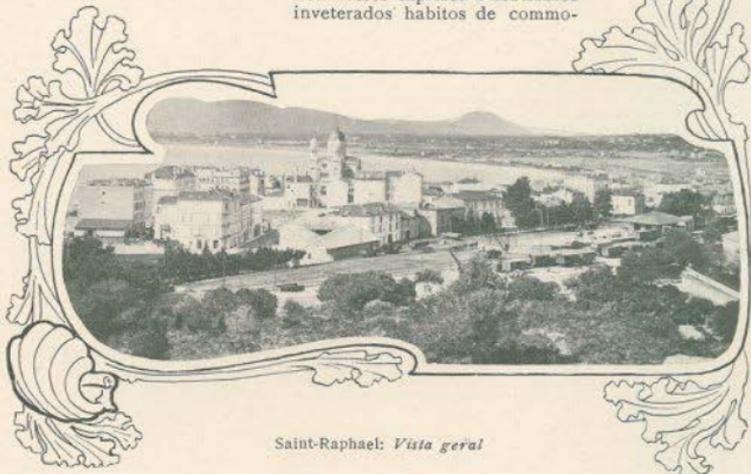
*A praia de Dieppe uma das mais frequentadas do norte da França*

chapas recommendadoras da Sociedade de Propaganda, não possui um grande hotel de luxo como hoje o exige o estrangeiro rico que viaja. E assim, podendo ser uma estância procurada por gente de todo o mundo, tem de confinar-se no modesto papel de logar para refresco da burguezia lisboeta que o ardor do sol escalda. Um dos mais admiraveis pontos da costa portugueza, a Foz do Douro, que possui uma avenida sobre o mar que é um encanto, viu cortarem-lhe em arruados geometricos os seus montes Crasto e da Luz, onde tao bellas coisas seria possivel fazer, e vê agora o seu desenvolvimento embarçado pelos lusos sacerdotes de Marte que querem, no seu melhor local, construir fortalezas colossaes ao recatado intuito de espatifar os inglezes, se elles um dia demandarem a barra do Porto, que tem dois palmas d'agua, nos formidaveis couraçados da sua esquadra. Essa mesma avenida, á beira-mar que, ligada com o Passeio Alegre, assumiram soberbo aspecto de grandezza está tambem condemnada a não ter arvores, porque as qualidades do ambiente e do terreno não permitem n'ella o desenvolvimento da flora camararia e não ha coragem de plantar ali pinheiros, que, desde a epoca em que foi construída, já hoje estariam altos, enchendo de sombra o arruado e dando áquelle traço da

beira-mar uma original impressão de pittoresco e de belleza. E, como esses, quantos outros casos, a testemunhar a falta de iniciativa, a carencia de bom gosto, a conhecida incuria, qualidades nossas provadas sempre, n'esta terra, em todos os seus timidos e debilitados empreendimentos...

AS CONSTRUÇÕES ❀ A ARCHITECTURA DE IMPORTAÇÃO ❀ PARA RICOS E POBRES ❀ O QUE SE PODERIA FAZER ❀ O QUE, POR DECORO, É MISTER QUE SE FAÇA

Mas, pondo de parte arrojadas tentativas, avéssas ao retrahimento dos nossos capitaes e aos nossos inveterados habitos de commo-



*Saint-Raphael: Vista geral*



Malo: *A praia*

*e o Casino*

dismo, não haveria uma campanha a tentar para que não proseguissem os attentados á esthetica e ao bom-senso que tanto teem prejudicado o desenvolvimto das estações de verão portuguezas, pejudando-as de construcções inadequadas ao clima e ao gosto nacional ou obstruindo-as com edificações archi-banaes, sem um traço curioso, uma particularidade sequer que as caracterise e as torne dignas de interesse? Decerto. E' preciso que d'uma vez para sempre a preguiça dos nossos architectos deixe de confinar-se nos arremedos das revelações que lhes trazem as revistas lá de fóra, que esses senhores se convençam sobretudo de que, n'um paiz de sol como o nosso, nada mais tolo que as edificações pon-

teagudas, cober-tas de arestas de encontro ás quaes hão de partir-se imaginarios gelos, e nada mais injustificavel que o desprezo a que vem sendo votada essa fórma do beiral, tão adequada ás exigencias do nosso clima e tão de molde a effeitos de architectura originaes e preciosos.

Isso pelo que respeita ás casas de luxo. Mas, mesmo nas mais modestas, alguma coisa haveria a fazer em bem da arte. Basta lembrar as palavras conceituosas de Ramalho, que ainda hoje teem uma oportunidade tão flagrante como no momento em que foram escriptas: «Quasi todas as casas dos arredores de Lisboa são particularmente nuas, desornadas, rectilineas, feiissimas. Querem transformal-as rapidamente, tornal-as agradaveis, sympathicas, appetitosas? Pintem-as de cinzento, de côr de lousa ou de côr de chumbo, adornem-nas com uma singela trepadeira, a hera, a glycinea, o heliotropo, ou a madresilva; vistam-lhes as janellas de grandes gelosias brancas, ou suspendam sobre as varandas largos stores salientes, de riscas verticaes ou de grandes quadrados escoccezes. Se ha um muro de jardim, substituem-no por uma sebe, por uma simples gra-



Havre: *Perspectiva do Boulevard maritimo*



Les Sables-d'Olonne:

de de madeira pintada de verde ou por um valado plantado de cactos.»

Para tudo isso seria mister que nos livrássemos do perigo do mestre d'obras analfabeto, sem o risco de cairmos no architecto cosmopolita; e que nos convencessemos de que, mesmo na nossa situação de povo barbaro, não estamos dispensados de offerecer aos olhos dos que nos visitam e aos nossos proprios olhos a contemplação de coisas bellas. Marrocos é Marrocos, e tem muito que vêr.

PAULO OSORIO.

### Nota da redação

Por mais de uma vez a *Illustração Portuguesa* tem accentuado o estado de abandono das nossas praias e a existencia semsaborona das nossas estações de verão, e algumas vezes tem feito o parallelo com o que acontece lá fóra, em que todos esses sitios para onde se emigra quando chega a canicula offerecem toda a classe de attractivos e facilidades de conforto. Ainda não ha muito, por exemplo, mostrámos o que é Ostende e a bella vida que ali disfructamos que pôdem ir lá gosar as suas férias annuaes. A serie de artigos que ultimamen-

A praia á hora dos banhos

te temos inserido fíliam-se ainda no mesmo plano e na mesma idea de incitar o portuguez rotineiro, sem gosto e sem iniciativa, a fazer qualquer coisa em pró do progresso e do desenvolvimento das suas praias, que a natureza fez bellas, e das suas outras estancias de verão, tão admiraveis, mas tão desprovidas, tambem, de toda a especie de commodidades. Oxalá que a nossa insistencia não fique de todo inutil e que consigamos vêr ainda transformadas, disputando primazias, como teem direito, ás suas similares estrangeiras, as nossas estações de mar e de verão.



Villers-sur-Mer: A praia na maré baixa  
(CLICHÉS DE J. HAUTECOEUR)

# A FESTA DOS VENDEDORES DAS PUBLICAÇÕES DO "SÉCULO" NO PORTO



*Carro conduzindo o sr. Pereira da Rosa, inspector das officinas d'O Seculo e da Illustração Portuguesa, acompanhado dos agentes de venda no Porto srs. Dias Pereira e Braga e respectivas familias.*

\*\*\*  
*Carros que transportaram os vendedores á Senhora da Hora*

\*\*\*  
*Grupo tirado na estrada na circumvalação*



*Desfile dos carros conduzindo os vendedores do Seculo, da Illustração Portuguesa, do Supplemento Humoristico e das outras publicações da mesma empresa, que foram assistir á festa realisada na Senhora da Hora*

(CLICHÉS DO SR. PEREIRA CARDOZO).

# FESTAS SPORTIVAS EM AVEIRO NATAÇÃO



Um aspecto da ria de Aveiro, na occasião da regata  
— Chegada do campo á meta —  
— Largada dos nadadores que disputaram o Campeonato  
Nacional de Natação  
(CLICHÉS DE CARLOS SOBRAL).

# REGATA DE REMOS



*Escaleres Vouga e Emilio proximo á «metas» (vencedor o da direita)  
—O gran «e» canal da ria de Aveiro  
Proximo á «metas»: Desafio entre os escaleres Chiquito e Sophia  
(vencedor o da direita)*

# VELOCIPEDIA



Parada cyclista  
—Grupo de triciclas aveirenses assistindo às corridas  
—A' espera do signal da partida  
(CLICHÉS DE CARLOS FERREIRA CARDOSO)

# A GRANDE EXCURSÃO VENATORIA AO GEREZ



Schimper, cuja extinção improvável ou sobrevivência revelada por depoimentos insuspeitos agora presumimos vae ser definitivamente averiguada.

Tendo saído do Gerez ao lusco-fusco das 4 horas da manhã, com o raiar da aurora, e batido a zona florestal da Bouça da Mó e Palheiros, onde abunda o corso, os caçadores devem ter almoçado em Albergaria, onde se lhes reuniram os excursionistas, junto ao local onde foi capturada ha 18 annos, pelos guardas florestaes Balthazar da Silva, José Ribeiro, José Lemos e Manuel Joaquim Ribeiro, a velha cabra cuja historia singular e commovente o dr. Ricardo Jorge narrou n'um artigo magistral publicado no *Seculo* de 31 de agosto.

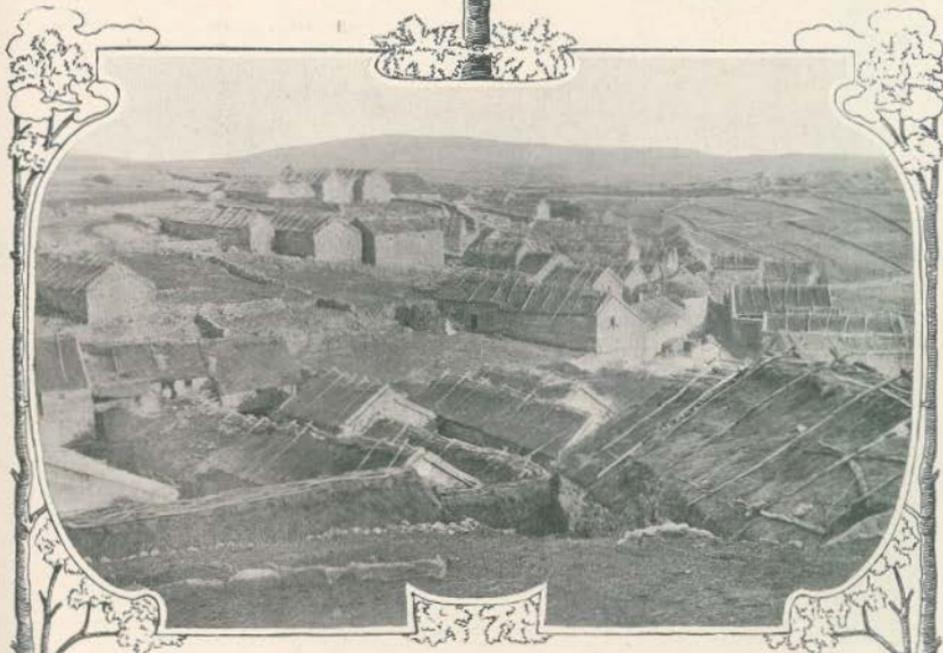
Não será arriscado prevêr que sobre os fetos que tapetam as devezas já dormirão, ensanguentados, os primeiros corsos, victimas da batida matinal da floresta. Será alegre o almoço, á sombra das carvalheiras centenarias, á margem do rio rumoroso, que proximo espadana nas fragas as suas aguas espumejantes. Mas as businas chamam de novo á trabalhosa lide os caçadores. Já a algazarra da batida irá subindo as encostas fronteiras, onde a urze se mede em altura com o homem, de onde despedem vôo as aguias reaes; e no puro, fino ar oxygenado das altitudes, perfumado por toda a flora alpestre, na radiosa manhã que o sol enche de estivaes esplendores, o latir dos cães, o gritar dos batedores, o som melodioso das trompas irão acordando nos coitos fragosos e nas devezas sombrias a rapidissima cabra e o corso asustadiço.

Tendo completado a larga, complexa e ardua tarefa que traçara, a 11-

De hoje a oito dias, á hora em que a *Illustração Portuguesa* principia a circular nas ruas de Lisboa, os caçadores seus convidados terão marchado approximadamente 20 kilometros—parte do percurso a cavallo—e achar-se-hão nas paragens mais agrestes do Gerez, a caminho do vasto acampamento das Abrotegas, batendo as vertentes do Rio Homem, á procura dos derradeiros representantes da mais rara e interessante especie da fauna portugueza: a cabra hispanica de

*Ilustração Portuguesa* aguarda confiantemente os resultados de tanto esforço e tanto trabalho dispendidos, com a remuneradora satisfação de ter mais uma vez cumprido o seu dever, mantido todas as suas promessas e sabido triumphar da apathia desanimadora, da inercia hostil contra as quaes se veem despedaçar, como navios contra penhascos, as iniciativas individuaes, n'esta acabrunhada terra portugueza, tão digna de melhor sorte. Caminhando resolutamente contra a corrente, sem um desfalecimento, antes com a energia estimulada pelos obstaculos que encontrou na sua frente, a *Ilustração Portuguesa*, longe de arrender-se da

ção de sympathia pela idéa e de gentileza para com os seus realizadores. Entre as suas proprias armas de caça, o augusto monarcha escolheu uma espingarda, que destinou a ser offerecida, como lembrança da grande partida cinegetica do Gerez, ao caçador que n'ella mais se distinguir. Não se limitou, pois, o senhor D. Manuel ao simples cumprimento de uma praxe mais ou menos estabelecida e usada, que consiste no costume do chefe de Estado acudir sempre, por qualquer meio ostensivo de cooperação, a incitar e proteger as iniciativas que, como a da excursão venatoria, pelo intuito scientifico que principalmente a inspira e pela



Construções antigas  
(CLICHÉ DA PHOT. BIEL, DO PORTO)

temeraria tarefa a que se atreveu, prepara já novos e mais vastos empreendimentos.

Mas nem só indifferenças — é justo dizello — encontrou para vencer. Muitos e valiosos apoios vieram ao espontaneo encontro d'ella. El-Rei, á semelhança de seu Augusto Pae, que não só se dignára acceptar a presidencia da grande commissão do *Duplo Raid Hippico Nacional*, mas desde os primeiros passos acompanhára com o mais vivo interesse todos os trabalhos da arrojada iniciativa da *Ilustração Portuguesa*, foi agora, tambem, quem deu o primeiro exemplo.

E a maneira que Sua Magestade El-Rei escolheu para manifestar o interesse que lhe merecera o nosso empreendimento revelou ainda uma especial inten-

collaboração dos naturalistas que a acompanhavam, devem ser consideradas uteis de qualquer fórma para o paiz. Peio modo como o fez, destinando uma das suas proprias espingardas para o premio que offereceu, em vez de mandar adquirir qualquer outra arma para tal fim, El-Rei accentuou de uma maneira bem significativa o alto apreço que lhe mereceu a iniciativa da *Ilustração Portuguesa*. E' tambem um agradecimento muito effusivo, que pedimos venia para apresentar respectuosamente a Sua Magestade El-Rei pela expressiva e valiosa manifestação de sympathia com que honrou a nossa idéa, e que constituiu, certamente, um dos seus mais prestigiosos palladios.

Se o procedimento de El-

Rei, contrastando com a indiferença, e claro abandono—porque não dizel-o?—de alguns dos que mais devíamos contar vêr a nosso lado, foi o primeiro e mais alto exemplo, injustiça seria não confessarmos que não faltaram tambem outros exemplos de adhesão e de auxilio, que muito nos apraz registrar com o merecido elogio.

Entre os mais salientes d'estes, cumpre citar o do sr. ministro das obras publicas, que com tão boa vontade facilitou as concessões dependentes do seu ministerio para a realisação da caçada, no que cooperaram pela forma mais espontanea e valiosa os dois funcionarios su-

começo, a grande excursão venatoria ao Gerez promovida pela *Ilustração Portuguesa* não constitue unicamente a mais notavel partida cinegetica que até hoje se tem organizado no paiz, visto que, além do problema que intenta resolver, da sobrevivencia da cabra montez em Portugal, fornecerá tambem ensejo para a execução de diversas observações scientificas sobre a serra por parte dos naturalistas que acompanham a caravana dos caçadores. D'ella ficará, d'este modo, resultado proficuo e uma len brança mais perduravel nos trabalhos a que as explorações especies da montanha servirem de assumpto.



*Vista geral de Pídes*  
(CLICHE DO SR. A. MENDES D'ALMEIDA)

periores que, pela situação dos seus cargos, tiveram directa interferencia no assumpto. Queremos referir-nos aos srs. conselheiro Alfredo Carlos Le Cocq, illustre director geral de agricultura, e Ferreira Borges, digno chefe da repartição dos serviços florestaes, que ambos englobamos no agradecimento que dirigimos ao sr. conselheiro Calvet de Magalhães.

Igualmente á Sociedade Propaganda de Portugal, pela sua proficua assistencia, á illustre direcção dos serviços geodesicos, ás companhias dos caminhos de ferro, nos cumpre apresentar testemunhos de agradecimento.

Como temos dito desde o

O primeiro pioneiro naturalista do Gerez, no seculo XVIII, falava com emphase, mas escassa propriedade, das numerosas produções da serra, «seja no reino animal, seja no vegetal ou mineral.» Depois de Pereira Araujo percorreram a serra Linck e Hoffmannsegg, os que mais celebrada a tornaram pelas entusiasticas pinturas da sua belleza alpestre vulgarisadas nas tres línguas mais lidas da Europa, e modernamente varios outros, tanto nacionaes como estrangeiros; mas o conhecimento da historia natural gereziana continua ainda ao presente bastante atrazado, apesar do interesse singular que offerece, principalmente o estudo biologico das regiões elevadas.

Nem sequer a descripção

geologica do Gerez está feita. Sabese que essa intumescência do vasto massiço minhoto não é de formação antiga, mas falta determinar a época em que se verificaram as deslocções que lhe produziram o relevo. Não ha por ora provas decisivas da existencia do glaciário, que a apparencia de alguns blocos e certos aspectos das partes mais altas fazem suspeitar. As variedades do granito, as outras rochas que o atravessam em veios, as inclusões que apresenta de schistos e de gneiss, tem escapado a uma analyse petrographica completa e rigorosa. O martello do mineralogista tem pois in-

des cumes desnudados. As especies proprias são poucas, salientando-se, pela sua interessante historia botanica, a *Armeria Willkommi* e um admiravel lyrio de flôres azues, o *Iris Boissieri*. O que n'este sentido restará para averiguar é o grau e os limites da differenciação resultante do meio montanhoso, cuja influencia é de tal ordem que, como é sabido, Bonnier chegou a obter modificações hereditarias cultivando plantas da planicie sobre as altas escarpas dos Alpes e dos Pyreneus.

Pelo que respeita á fauna do Gerez, a situação é já, por sua vez, inteira-



A cupe oferecida pelo Supplemento Humoristico do Seculo  
(CLICHÉ DE RENOLIEL)

dicada uma tarefa laboriosa na aquisição do material para os trabalhos de laboratorio.

Com a publicação do catalogo do professor Julio Henriques (1885) e as herborisações posteriores deve considerar-se a exploração phytologica da serra muito proximo de terminada. As suas tres zonas de vegetação apparecem perfeitamente caracterisadas pela densa massa florestal de carvalhos na mais baixa, a coberta rasteira de urzes e de tojos na seguinte, o predomínio do *Juniperus* na ultima, precedendo os gran-

mente diversa. Escasseiam as noticias sobre a população zoologica da serra, especialmente com relação a todas as classes dos Invertebrados.

Dos mamíferos são geralmente conhecidas as grandes especies; mas, da micro-mammalogia da serra é que pouco ou quasi nada se sabe. Os morcegos, que sobem bastante alto nas nossas montanhas; os musaranhos, entre os quaes apparecem os mais pequenos mamíferos conhecidos, e que, por sua vez, não passam de limites marcados; os ratos, que, todos, tanto da familia

Myoxidae, como da familia Muridae, não param em nenhuma altura; e os arvicolas, que são os vertebrados que se estabelecem mais alto na Europa, como já notou Fatio, não tem sido estudados.

As aves do Gerez figuram já naturalmente nos nossos catalogos ornithologicos. O que ao naturalista poderia interessar particularmente seriam exemplares de aguias, attendendo a que as especies

portuguezas oferecem ainda uma relativa incerteza na sua determinação. Ha no Gerez, no dizer dos que conhecem a serra, tres ou quatro especies da ave de Jupiter, entre as quaes a grande aguia real (*Aquila chrysaetos*) de tres metros de envergadura, a aguia imperial (*A. heliaca*) e uma outra de menores dimensões, que deve ser *A. pennata*, habitualmente conhecida nos sitios montanhosos do paiz pela denominação de «aguia pequena». Citam-se, porém, como existentes na península pelo menos mais seis especies além d'estas, e é evidentemente nos altos pincares das nossas serranias que as devemos procurar.

Os amphibios e os reptis pullulam por toda a parte, na serra, variados em especies e nume-

rosissimos em individuos. Se o *Chiloglossa lusitanica* de Bocage, característico da região montanhosa do nordeste de Hespanha e de Portugal, só vive no Gerez a 400 metros de altura, sob os musgos e as pedras visinhas da agua, aonde se refugia ao mais ligeiro alarme, o vulgar *Molge Boscai* esse sobe, por seu lado, até 1:400 metros. Ahi se encontram a rara *Coronella austriaca* e o não menos raro sapo *Ammoryctis Cisternasii*, especie creada por Bosca e por ora privativa da península, distinguindo-se por ter os

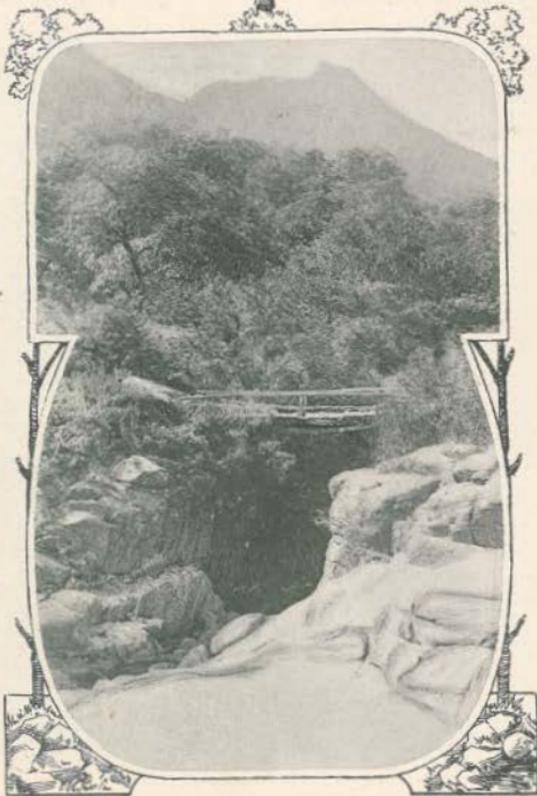
dentes palatinos em duas séries. A forma linneana da *Vipera aspis*, apesar de citada por Vandelli e Linck, é que é ainda de duvidosa existencia no Gerez, parecendo que foi simplesmente confundida com ella a menos perigosa *Vipera Latastei* ou antes a variedade da *Vipera ammodytes* que Bosca tambem descreveu com este nome especifico. O capitulo erpetologico é, de resto, o mais bem estudado da fauna gereziana.

Não succede assim, por seu lado, com o capitulo da ichthyologia, sendo bem escassas as noticias que temos a respeito dos peixes que vivem nos rios da serra. De resto, de toda a fauna aquatica do Gerez, comprehendendo os moluscos, os crustaceos, os vermes e os protozoarios, pode dizer-se sem qualquer sombra de exaggero que nada se sabe. E' esse, por isso, o campo em que podemos fazer-se mais interessantes descobertas. Nos invertebrados terrestres está, igualmente, tudo por estudar, havendo apenas algumas especies de coleopteros e de hemipteros classificados pelo fallecido professor Paulino de Oliveira.

A estas horas começaram, porém, a percorrer a serra os illus-

tres naturalistas que acompanham os caçadores, e da sua dedicação pela sciencia esperamos os mais lisongeiros resultados.

E' natural, pois, que nos desvançamos com o successo que alcançou a iniciativa da *Illustração Portuguesa*, conseguindo, apesar de todas as contrariedades, juntar no Gerez a brilhante e numerosa caravana que a estas horas deve ir seguindo o caminho das Abrotegas, e na qual



A ponte Feia  
(CLICHÉ DO SR. A. REBELLO VALENTE,



S. M. El-Rei  
(CLICHÉ DA PHOT. BOBONE)

figuram fraternamente alliados, alguns dos mais apaixonados caçadores de Portugal e alguns dos indefessos naturalistas que mais têm contribuído para o conhecimento científico da nossa terra. Das aventuras cinegeticas dos primeiros contaremos a historia que ha de ser certamente animada, desde que é n'um terreno de caça tão abundante que se desenrola, com a colaboração das primeiras espingardas nacionaes, a formidável partida venatoria. Dos trabalhos dos segundos esperamos tambem poder dar aos nossos leitores larga informação, embora despida dos pormenores technicos, que não se coadunam naturalmente com o feitto de uma revista litteraria. Assim do empreendimento da *Illustração Portuguesa* resultará uma curiosa monographia gereziana.

Temos bem o direito de nos desvanecer. Depois das nossas exposições artisticas, coroadas de tão brilhante successo todas; depois do notavel triumpho que representou o Raid hippico, a principio acolhido com tanto scepticismo descoroçoador; a actual excursão ao Gerez, com o seu duplo character sportivo escientifico, vencendo tanta indifferença, não pôde deixar de ser para nós um justificado motivo de orgulho. Mas não tiramos do facto senão um incentivo para novos committimentos, e as indecisões que tivemos agora de combater não servirem para outra cou-

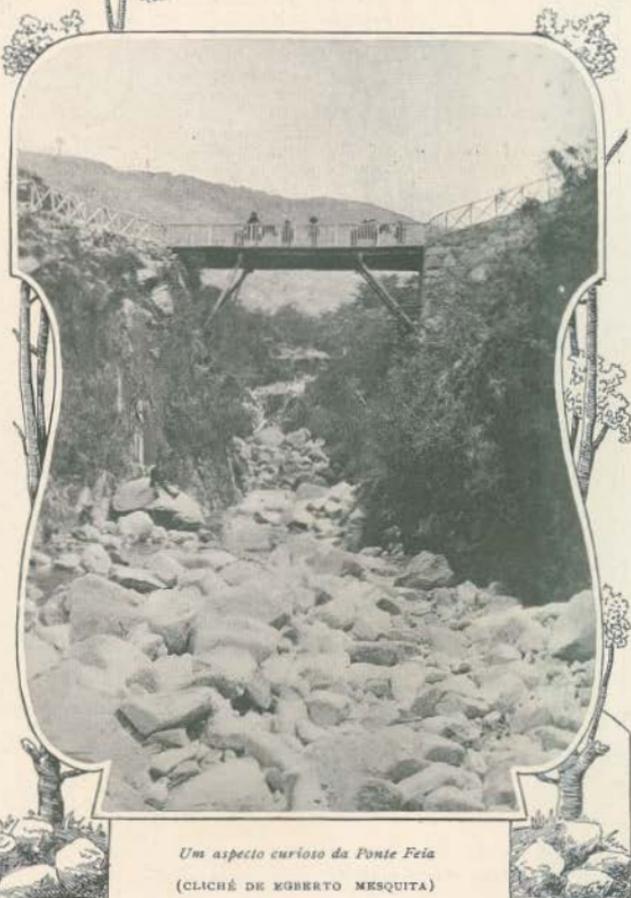
sa que não fôsse para bem temperar-nos o animo para novas luctas.

Ha ainda no meio portuguez muitas cousas a realizar para o que contamos, dispendendo forças, passando sobre obstaculos que muitas vezes nos tolhem o caminho, com a iniciativa até aqui posta em pratica com felizes resultados no intuito de correspondermos sempre ao crescente favor publico para comnosco.

E' a esse favor que procuramos corresponder empregando os esforços, que não damos por mal empregados.

A *Illustração Portuguesa* impõe-se estas tarefas que são gratas, com a consciencia de que presta serviços como os do *Raid Hippico*, que com tanto enthusiasmo foi acolhido e tão bons resultados colheu, e como a actual caçada á cabra no Gerez, onde não só os caçadores terão diversões, mas onde ainda os zoologos encontrarão assumptos gratos á sua sciencia.

A iniciativa da *Illustração Portuguesa*, que já tem dado essas provas do seu arroj e tenacidade, ainda não está exhausta; antes, pelo contrario, experimenta a impressão de um verdadeiro rejuvenescimento por cada passo dado, por cada victoria adquirida, por cada tarefa cumprida, e são novos planos que sente seduzirem-na, e que se prepara para realizar.



Um aspecto curioso da Ponte Feia

(CLICHÉ DE EGBERTO MESQUITA)

·O·ALMOÇO·DOS·JORNALISTAS·PARLAMENTARES·  
·AO·PRESIDENTE·DA·CAMARA·DOS·DEPUTADOS·

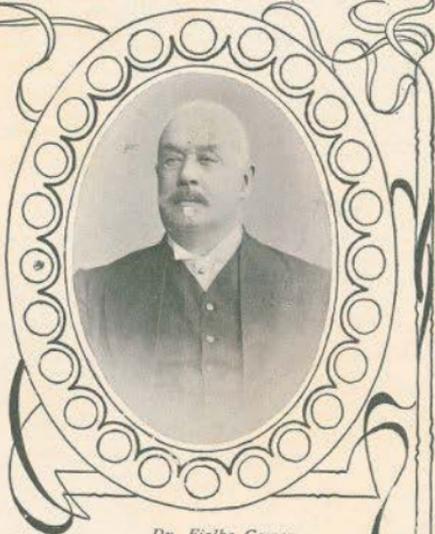
Chegado o encerramento dos trabalhos parlamentares da camara dos deputados n'este anno, os redactores de jornaes de Lisboa e correspondentes dos do Porto, que teem a seu cargo os extractos das sessões, quizeram dar ao presidente d'aquella camara, o sr. dr. Libanio Fialho Gomes, uma prova de sympathia e testemunho de agradecimento pela fórma por que sua ex.<sup>a</sup> lhes facilitou sempre, com a maior gentileza, o cumprimento da sua tarefa e deveres profissionais.

Para esse fim os chronistas parlamentares da camara, dos deputados offereceram ao distincto homem politico um almoço, para que foram tambem convidados e a que assistiram, os dois secretarios da camara srs. drs. João de Magalhães e Motta Veiga.

Essa simples festa de homenagem realisou-se no dia 26 do mez findo, um dos ultimos dias da sessão da camara dos deputados, no Grande Hotel de Inglaterra, decorrendo com a maior animação e entusiasmo e trocando-se ao *toast* varios brindes muito affectuosos.

Como nota, que offerece uma certa curiosidade, registaremos que uma parte dos vinhos servidos ao almoço foram para tal fim offerecidos por alguns deputados que são vinicultores.

A nossa photographia reproduz um aspecto da mesa do almoço, na qual se vêem todos os commensaes, acompanhados pelos srs. visconde da Ribeira Brava e Lacerda Ravasco, amigos pessoases do dr. Fialho Gomes.



Dr. Fialho Gomes

(CLICHÉ DA PHOTOGRAPHIA VIDAL & FONSECA)



Os chronistas parlamentares que assistiram ao almoço e os srs. deputado Ravasco (o primeiro da esquerda) e visconde da Ribeira Brava (ao fundo da mesa)

(CLICHÉ DE BENOLIEL)

AGENCIA  R. Bella da Rainha, &  
de viagens LISBOA  
**Ernst George**

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suíça, Allemanha, Austria, etc., etc. Viagens ao EGYPTO e ao Nilo. Viagens de recreio no MEDITERRANEO e ao CABO NORTE. Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

Viagens baratissimas á TERRA SANTA

UPHOLSTERER &  
CABINET MAKER

**Cadeiras**

**Maple**

Depois de mais de sessenta annos e cadeiras articuladas, offerecendo optimum commodidade.

Ha sempre variado sortimento de modelos nos vros. fabricadas em superior chagrin de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> qualidade e por preços limitados, attendendo á sua magnifica construção. Decorações completas em estylo inglês. Todos os trabalhos são dirigidos pelo seu proprio artio, Gil D'as Assumpção, profissional especialista n'este genero de trabalhos. Formecedor da Legação Britannica e das prin-

cipaes caixas de Lisboa. 35, Rua de Buenos-Ayres, 35. Telephone 4:884 (tres denncias) Depósito unico do "PIPERINOL" o melhor preparado para dar cor e lustro de encerado em moveis, soalhos e couros.

PARFUM  
**FLORAMYE**  
L.T. PIVER  
PARIS



PRINCIPA VIOLET

**COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO**

— Proprietaria das fabricas do PRADO, MARIANA e SOBRALIMHO (Thomar), PENSOE e CASAL d'Henrico (Louza), VALLE MAIOS (Albergaria-a-Velha). Escriptorios e depositos: 276, Rua da Princeza, 276—LISBOA. NO FORTO: Rua de Passos Manuel, 49 e 51. Endereço telegraphico: Lisboa, Companhia Prado, Prado—Forto—Lisboa. Numero telefonico: 008. 000000

276, Rua da Princeza, 276—LISBOA

**LOCAO DEQUEANT**

**CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS** Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calveia e todas as afecções do couro cabeludo. **L. DEQUEANT**, Pharmacien 18, Rue Clignancourt, Paris. Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deveo dirizir para todas as informações gratuitas. A VENDA SE TORNA EM BOM FASEL DO PORTUGAL.

**AGUA CASTELLO**



PREMIADA em varias EXPOSICOES de FORNECEDORAS de CASA REAL

**Nestlé Farinha lactea**  
PREÇO 400 RÉIS  
36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

O THESOIRO DA CABELLEIRA  
Antiseptico Regenerador Perfume delicioso  
**PETROLEO HAHN**  
Evita a Queda dos Cabellos  
Recupera, por serem perigosas e inefficazes, quaesquer imitações apresentadas em lugar do verdadeiro PETROLEO HAHN.  
F. VIBERT, Lyon (França)  
DEPOSITO EM TODAS AS PERFUMARIAS e DROGARIAS.



**LIVRARIA DA CASA ANDRADE**  
DE  
**PAULA & ANDRADE**  
ACCETA CONSIGNAÇÃO DE LIVROS e REVISTAS DE QUALQUER PAIZ  
Rua Maciel Pinheiro, 25  
PARAHIBA DO NORTE  
**BRAZIL**

## INSTITUTO de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisiveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Aguas e cremes para branquear a pelle das mãos, luvas e aparelhos para o seu atormoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a cor empregue todas as manhãs os maravilhosos productos: **Loção Greme** e **Pó Klytia**. Instruções para o seu emprego. *Tintura vegetal sarantida e inoffensiva. Loção capilar para evitar a queda das cabellos e para impedir o embaçamento, dando-lhe a sua cor natural. Desfolhador perfumado com extracto d'ervas do Oriente para evitar os bellas e fazendos desaparecer completamente.* O Instituto de Belleza deseja ter agentes nas principais cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depósitos em todas as principais cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O INSTITUTO DE BELLEZA lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS

DISPONIVEL

# Concurso de 1908

Condições geraes  
LEIAM COM ATENÇÃO  
A TODOS CONVEM SABER

Publicando hoje as condições geraes do nosso certamen, que, graças á sympathia do publico, tem excedido tudo quanto nos era dado esperar, tendo attingido já proporções deveras lisongueiras, a *Illustração Portuguesa* satisfaz a curiosidade, a las justificação, de muitos milhares de pessoas que com todo o carinho e interesse tem seguido dia a dia a marcha brilhantissima do Concurso de 1908.

Estas condições, que obedeceram a um aturado e ponderado estudo, devem satisfazer, estamos certos, todos os concorrentes pela sua simplicidade, pela clareza do processo a empregar quanto á distribuição dos premios e pela forma do sorteo.

## Concurso de 1908 — Condições geraes

1.º—Tem direito a um premio garantido, dos que fazem parte do Concurso de 1908, todas as pessoas que apresentarem uma das senhas do actual concurso, quer das que já tenham sido entregues, quer das que serão dadas até ao fim do prazo estabelecido para a entrega das cadernetas dos concorrentes.

2.º—A publicação dos resultados do actual concurso termina: no *Seculo*, no dia 22 de novembro de 1908; na *Illustração Portuguesa*, no dia 23 de novembro de 1908; e no *Supplemento Humorístico*, no dia 19 de novembro de 1908.

3.º—Continuam a receber-se as cadernetas na administração do *Seculo* todos os dias uteis das 10 ás 4 horas da tarde, pessoalmente ou pelo correto, prolongando-se essa recepção até ao dia 30 de novembro de 1908.

**NOTA IMPORTANTE** — Os concorrentes dos Açores, Africa, Brazil e outros pontos afastados de Lisboa devem expedir as suas cadernetas com a precisa antecedencia, para que dêem entrada nos escriptorios do *SEculo* até ao dia marcado, 30 de novembro.

## O sorteo

4.º—O sorteo faz-se baseado no plano da loteria do Natal da Santa Casa da Misericórdia.

Como o numero dos concorrentes ao concurso do *Seculo* atinge muitos milhares, as senhas distribuidas formam séries de 6800 numeros, tantos quantos são os emittidos pela Santa Casa para a sua loteria do Natal.

Escolhamos ainda mais, porque, n'estas coisas, o ser proximo constitue uma necessidade.

A loteria do Natal tem 6800 bilhetes. Pois cada uma das nossas séries será constituída por 6800 senhas,

numero precisamente equal ao dos bilhetes da referida loteria.

Assim, é claro que emittimos tantas séries quantas as que se contiverem dentro do numero avultado dos concorrentes ao nosso «funcional» concurso.

Feito isto, não é menos evidente que ao numero do primeiro premio da loteria do Natal devem corresponder tantos numeros eguaes do nosso concurso quantos os das séries emittidas. Suppondo que, por exemplo, distribuimos 30 séries, haverá 30 primeiros premios a que os concorrentes terão direito, e assim, evidentemente, succederá para o segundo, terceiro, etc., premios.

Assim classificados os concorrentes, proceder-se-ha a um sorteo especial. N'elle entrarão successivamente: pe meiro, os que obtiverem direito a primeiros premios; segundo, os que obtiverem para os segundos premios; e assim por diante.

Por cada grupo serão distribuidos, attendendo á sua classificação, os premios do concurso, recebendo cada um dos concorrentes aquella a que o sorteo lhe der direito.

E' ainda evidente que para o primeiro grupo, quer dizer, para tantos quantos possiam senhas com o numero equal ao primeiro premio da loteria do Natal, serão escolhidos os melhores premios d'entre os muitos incontestavelmente valiosos do nosso concurso; para o segundo grupo os de valor immediatamente inferior, e assim successivamente. O nosso sorteo especial sera feito para os 42 primeiros premios do plano da loteria do Natal da Santa Casa da Misericórdia e para as 6 aproximações dos 3 primeiros premios; publicando-se anticipadamente a classificação dos nossos premios que formam as diferentes séries correspondentes ao que acima fica estabelecido.

Para todos os outros premios estabelecidos no plano da loteria do Natal da Santa Casa da Misericórdia haverá tambem premios especiaes formando grupo aparte.

Como todos os concorrentes do Concurso de 1908 tem direito a um premio, todos aquellos concorrentes cujas senhas não tenham numeros dos premiados pela loteria do Natal da Santa Casa da Misericórdia receberão premios genericos, isto é, de valores eguaes ou approximados entre si.

O segundo sorteo, isto é, o nosso, será publico, presidido por um jury idoneo, composto dos principais commerciantes de Lisboa, com a assistencia das autoridades.

As listas dos premiados serão publicadas no *Seculo* successivamente, porque, attendendo ao seu numero avultado, não poderiam ser publicadas d'uma só vez.